

TIMOTHY KELLER

AUTOR DO BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES* *A RAZÃO PARA DEUS* E *O DEUS PRÓDIGO*

# Falsos Deuses

*As promessas vazias de dinheiro,  
sexo e poder, e a única esperança que importa*





TIMOTHY KELLER

# Falsos Deuses

*As promessas vazias de dinheiro, sexo e poder,  
e a única esperança que importa*



---

*Título original* Counterfeit Gods  
© 2009, por Timothy Keller  
Riverhead Books – Nova Iorque

*Tradução* © Paulinas Editora

*Tradutora* Maria do Rosário Pernas

*Capa* Departamento Gráfico Paulinas

*Pré-impressão* Paulinas Editora – Prior Velho

*Impressão e acabamentos* Artipol – Artes Tipográficas, Lda.  
Águeda

*ISBN* 978-989-673-225-7  
(edição original 978-1-59448-549-7)

© Abril 2012, Inst. Miss. Filhas de São Paulo  
Rua Francisco Salgado Zenha, 11  
2685-332 Prior Velho  
Tel. 219 405 640 - Fax 219 405 649  
e-mail: editora@paulinas.pt  
www.paulinas.pt

SEM VALOR COMERCIAL

[No mundo greco-romano,] cada cidade adorava as suas divindades preferidas e construía santuários à volta de imagens de culto. Quando Paulo foi a Atenas, viu que esta estava literalmente cheia de imagens dessas divindades (Atos 17,16). O Pártenon de Atenas ofuscava tudo o resto, mas havia outras divindades representadas em cada espaço público. Havia Afrodite, a deusa da beleza; Ares, o deus da guerra; Ártemis, a deusa da fertilidade e da riqueza; Vulcano, o deus forjador e do fogo.

A nossa sociedade contemporânea não é fundamentalmente diferente dessas sociedades antigas. Cada cultura é dominada pela sua própria série de ídolos. Cada uma tem os

seus «sacerdócios», os seus totens e os seus rituais. Cada uma tem os seus santuários – quer se trate de torres de escritórios, de *spas* e ginásios, de estúdios ou de estádios –, onde têm de se fazer sacrifícios, a fim de obter as bênçãos de uma boa vida e de afastar as catástrofes. Não serão esses os deuses da beleza, do poder, do dinheiro e da realização pessoal, precisamente aquelas coisas que assumiram proporções míticas na nossa vida individual e na nossa sociedade? Podemos não nos ajoelhar fisicamente frente à estátua de Afrodite, mas muitas jovens mulheres de hoje caem na depressão e em distúrbios alimentares, devido a uma preocupação obsessiva com a sua imagem física. Podemos não queimar incenso a Ártemis, mas, quando o dinheiro e a carreira são elevados a proporções cósmicas, fazemos uma espécie de «sacrifício de crianças», negligenciando a família e a comunidade para alcançar um posto

mais elevado na empresa, e para ganhar mais dinheiro e prestígio.



Aquilo que Abraão conseguiu ver foi que esta prova tinha a ver com amar a Deus acima de tudo. No fim, o Senhor disse-lhe: «Agora sei que temes a Deus.» (...) Isto não quer dizer que Deus estivesse a tentar descobrir se Abraão o amava ou não. Deus, que tudo vê, sabe o estado de cada coração. Pelo contrário, Deus estava a fazer passar Abraão pelo fogo, de tal modo que o seu amor a Deus pudesse finalmente «tornar-se como ouro puro». Não é difícil ver por que razão Deus estava a usar Isaac como meio para o conseguir. Se Deus não tivesse intervindo, Abraão acabaria certamente por amar o seu filho mais do que tudo no mundo, se é que não o amava já assim. Isso seria idolatria, e toda a idolatria é destrutiva.

Segundo essa perspectiva, vemos que a forma extremamente dura como Deus tratou Abraão, na verdade, foi misericordiosa. Isaac fora um dom maravilhoso para Abraão, mas este não poderia tê-lo e mantê-lo com segurança, enquanto não estivesse disposto a pôr Deus em primeiro lugar. Enquanto Abraão não tivesse de escolher entre o seu filho e a obediência a Deus, não poderia ver que o seu amor se estava a tornar idolátrico. De igual modo, também nós podemos não perceber até que ponto a nossa carreira se tornou um ídolo para nós, enquanto não formos confrontados com uma situação em que dizer a verdade ou agir de forma íntegra signifique um golpe sério na nossa promoção profissional. Se não estamos dispostos a sacrificar a nossa carreira para fazer a vontade de Deus, o nosso trabalho transformar-se-á num falso deus.





Se nos casamos, como Jacob, pondo todas as nossas esperanças e desejos mais profundos na pessoa com quem casamos, vamos esmagar essa pessoa com as nossas expectativas. Isso distorcerá a nossa vida e a vida do nosso cônjuge, de mil e uma maneiras diferentes. Não há ninguém, nem sequer a melhor pessoa, que consiga dar à nossa alma tudo aquilo de que ela precisa. Vamos pensar que fomos para a cama com Raquel, mas, ao acordar, deparar-nos-emos sempre com Lia. Esta desilusão cósmico percorre toda a nossa vida, mas sentimo-lo, de modo especial, nas coisas em que pusemos todas as nossas esperanças.

Quando, finalmente, se chega a tal conclusão, há quatro coisas que se podem fazer. Podem-se culpar as coisas, que são fonte de desilusão, e tentar escolher, antes, outras melhores. É a forma da idolatria e da adição espiritual contínuas. A segunda coisa que se pode fazer é a pessoa culpar-se e castigar-se

a si própria, dizendo: «Fracasseei de algum modo. Vejo que todos os outros são felizes. Não sei porque é que eu não o sou. Há qualquer coisa de errado comigo.» É a forma da autculpabilização e da vergonha. Terceiro, pode-se culpar o mundo. Podemos dizer: «Maldito seja todo o sexo oposto», tornando-nos, nesse caso, pessoas duras, cínicas e vazias. Finalmente, como diz C. S. Lewis, no fim do seu grande capítulo sobre a esperança, podemos reorientar toda a nossa vida para Deus. E conclui: «Se eu encontrar em mim um desejo que nenhuma experiência no mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que eu fui criado para outro mundo...».



Para compreendermos de que forma o coração de Zaqueu começou a mudar, devíamos pensar que os falsos deuses se apre-

sentam às mãos-cheias, tornando a estrutura idolátrica do coração bastante complexa. Por debaixo dos «ídolos superficiais» que servimos – e que são mais concretos e visíveis –, há os «ídolos profundos», dentro do coração.

O pecado, no nosso coração, afeta os nossos impulsos motivacionais, de tal modo que eles se tornam idólatras, «ídolos profundos». Algumas pessoas são fortemente motivadas por um desejo de influência e de poder, ao passo que outras se sentem mais entusiasmadas com a aprovação e o apreço dos outros. Alguns desejam conforto emocional e físico mais do que qualquer outra coisa, enquanto outros, ainda, desejam segurança e poder controlar o seu ambiente. As pessoas com o ídolo profundo do poder não se importam de ser impopulares, só para ganhar influência. As pessoas mais motivadas pela aprovação dos outros são o oposto: perderiam de bom grado o seu poder e capacidade de controlo, desde que toda a gente

pensasse bem deles. Cada ídolo profundo – poder, aprovação, conforto ou controle – gera uma série diferente de medos e uma série diferente de esperanças.

Os «ídolos superficiais» são coisas tais como o dinheiro, o cônjuge ou os filhos, através dos quais os nossos ídolos profundos procuram a sua realização. Muitas vezes, somos superficiais na análise das nossas estruturas idolátricas. Por exemplo, o dinheiro pode ser um ídolo superficial que serve para satisfazer impulsos mais profundos. Algumas pessoas querem ter muito dinheiro, como forma de controlar o seu próprio mundo e a sua vida. Essas pessoas, geralmente, gastam pouco dinheiro e vivem de forma muito modesta. Guardam-no bem guardado e investem-no, para que se possam sentir completamente seguras no mundo. Outros querem dinheiro para aceder a círculos sociais e para se tornarem bonitos e atraentes. Essas pessoas *gastam* o seu dinhei-

ro consigo mesmas de forma extravagante. Outras pessoas querem dinheiro porque este lhes dá muito poder sobre os outros. Em cada caso, o dinheiro funciona como ídolo e, no entanto, devido a vários ídolos profundos, dá origem a padrões de comportamento muito diferentes.



Mais do que os outros ídolos, o êxito pessoal e a autorrealização produzem um sentimento de que somos deuses, de que a nossa segurança e valor dependem da nossa própria sabedoria, força e desempenho. Para sermos os melhores, naquilo que fazemos, estar no topo da pirâmide significa que ninguém é como nós. Nós somos supremos.

Um sinal de que fabricámos um ídolo do êxito é o falso sentimento de segurança que isso nos transmite. Os pobres e marginalizados esperam sofrer, sabem que a vida sobre a

terra é «miserável, brutal e curta». As pessoas bem sucedidas ficam muito mais chocadas e transtornadas com os problemas. Como pastor, tenho ouvido muita gente do topo da escala social dizer: «A vida não devia ser assim», quando se confrontam com a tragédia. Nos meus anos de pastor, nunca ouvi essa linguagem da boca dos operários e dos pobres. O falso sentimento de segurança provém de deificarmos as nossas realizações e de esperarmos que estas nos preservem das preocupações da vida de uma forma que só Deus pode fazer.

Outro sinal de que fizemos da autorrealização um ídolo é que ela distorce a sua visão sobre si próprio. Quando as suas realizações servem de base ao seu valor como pessoas, elas podem dar azo a uma visão inflacionada das suas capacidades.



[O teólogo americano] R. Niebuhr reconheceu outra forma da «vontade de poder». A pessoa não transforma o povo, mas a própria filosofia política, numa fé salvadora. Isso acontece quando a política se torna «ideologia».

A *ideologia* pode ser utilizada em referência a qualquer conjunto de ideias coerentes acerca de determinado tema, mas também pode ter uma conotação negativa com outra palavra, relativamente: *idolatria*. Uma ideologia, tal um ídolo, é uma descrição limitada e parcial da realidade, elevada ao nível da última palavra sobre a realidade. Os ideólogos pensam que a sua escola ou partido tem a resposta real e completa aos problemas da sociedade. Acima de tudo, as ideologias ocultam aos seus aderentes a respetiva dependência de Deus.

O exemplo mais recente de uma importante ideologia que fracassou é o comunismo. Durante cerca de cem anos, um grande nú-

mero de pensadores ocidentais tinham grandes esperanças naquilo que outrora se denominava «socialismo científico». Contudo, entre o fim da Segunda Guerra Mundial e a queda do Muro de Berlim, em 1989, essas crenças desmoronaram-se.



Os ídolos não só assumem uma forma individual, mas também podem ser corporativos e sistêmicos. Quando estamos completamente mergulhados numa sociedade de pessoas que consideram determinada ligação idolátrica normal, torna-se quase impossível discerni-lo na sua própria essência. [...]

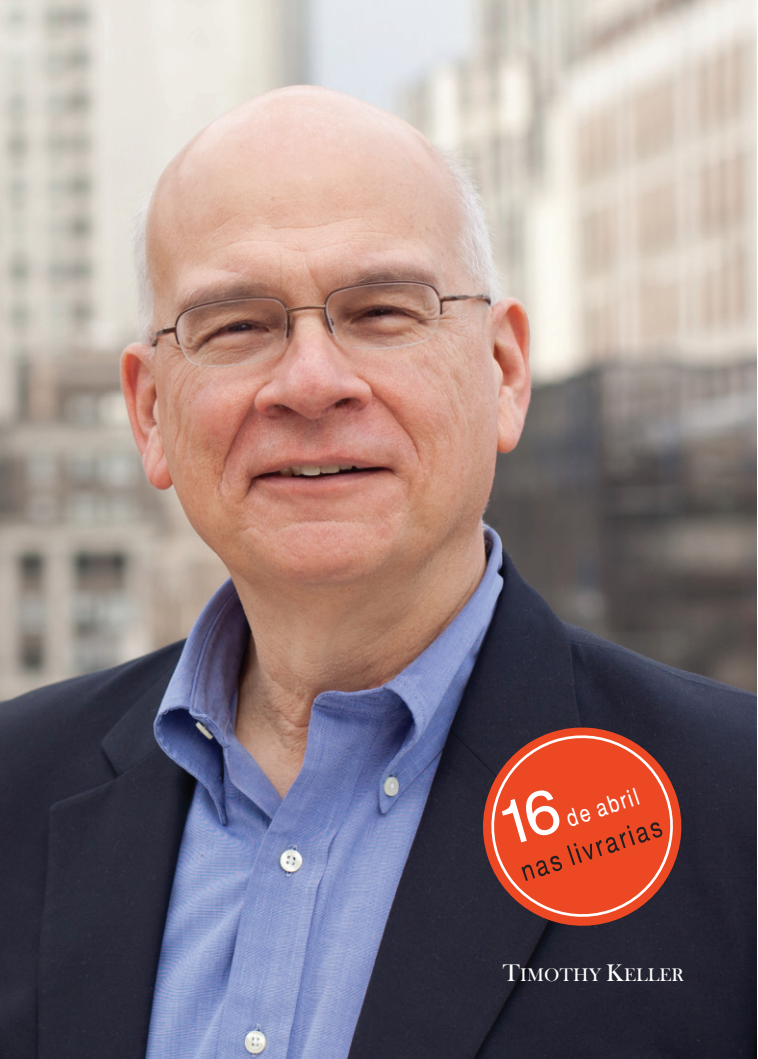
A. Delbanco [*The Real American Dream*] explica como a grande mudança cultural conhecida por Iluminismo abandonou a ortodoxia religiosa e colocou, no lugar de Deus, coisas como o sistema americano ou a autorrealização individual. Os resultados não



foram bons. Colocar a Nação, no lugar de Deus, conduz ao imperialismo cultural, e colocar o *Ego*, no lugar de Deus, conduz a muitas das dinâmicas disfuncionais que analisamos ao longo deste livro. Porque é que a nossa cultura abandonou, em grande parte, Deus como sua Esperança? Creio que o fez porque as nossas comunidades religiosas sempre estiveram e continuam a estar cheias desses falsos deuses. Fazer um ídolo do rigor doutrinal, do êxito ministerial ou da retidão moral provoca constantes conflitos internos, arrogância e presunção e à opressão daqueles cujas opiniões são diferentes. Estes efeitos tóxicos da idolatria religiosa têm dado origem a um descontentamento generalizado, com a religião, em geral, e com o Cristianismo, em particular. Pensando que estávamos a experimentar Deus, recorremos a outras esperanças, com consequências devastadoras.

**Timothy Keller**, considerado um dos cristãos mais influentes dos EUA, nasceu e cresceu na Pensilvânia e estudou na Universidade de Bucknell, no Seminário de Teologia Gordon-Conwell e no Seminário de Teologia de Westminster. Em 1989, com a sua esposa, Kathy, e os seus três filhos, fundou uma das mais inflamadas igrejas do coração de Nova Iorque (Manhattan), a Igreja Presbiteriana do Redentor, hoje, com ramificações em todo mundo. As suas reflexões teológicas, vertidas numa linguagem muito agradável e acessível, são incisivas na identificação e denúncia dos mais absconditos aspetos de raiz pagã que a cultura contemporânea ajudou a alojar no coração do homem atual, e que se vão convertendo em autênticos ídolos, aos quais, ainda que de forma subliminar, todos vamos prestando culto.





16 de abril  
nas livrarias

TIMOTHY KELLER